

Contra o militarismo e a guerra, contra a NATO



Em finais de 2010, vai realizar-se em Portugal uma cimeira da NATO, Organização do Tratado do Atlântico Norte, e está a desenhar-se na Europa uma vasta rede de organizações contra o militarismo e a guerra, para os quais a NATO tem oferecido um contributo destacado.

A designação da campanha internacional é: "No to War, No to NATO". A 30 de Setembro de 2009, em Lisboa, surgiu a PAGAN, Plataforma Anti -guerra, Anti-Nato, constituída por cidadãos mobilizados contra o militarismo e a guerra, tendo dois dos seus activistas estado presentes, de 15 a 18 de Outubro, numa série de reuniões que tiveram lugar em Berlim, para discutir a continuação das acções.

Durante a Conferência que ali teve lugar, nomeou-se um novo Comité de Coordenação Internacional, para orientar o trabalho da coligação que inclui representantes da Bélgica, Alemanha, França, Grécia, Grã-Bretanha, Portugal, Suécia, Espanha, República Checa e E.U.A. De entre as acções acordadas destacam-se:

*Participação conjunta no bloqueio da terrível fábrica de armamento nuclear britânico AWE Aldermaston, em 15 de Fevereiro de 2010.

*Um dia de acções descentralizadas na Páscoa de 2010, em todas as bases europeias com armas nucleares.

*Um dia de acções descentralizadas contra a NATO e infra-estruturas para as intervenções militares.

*A realização de uma Conferência internacional na Geórgia, em Junho de 2010.

*Acções de desobediência civil durante a cimeira da NATO em Portugal, salientando-se a realização de uma manifestação, um campo de acção, uma contra-conferência e outras acções, antecedidas por uma Conferência activista, em Portugal, em Setembro de 2010.



Mais informação

Coligação internacional anti-NATO: <http://no-to-nato.org>
Páginas sobre NATO, WRI: <http://wri-irg.org/campaigns/shutdown-nato>
PAGAN, Portugal: <http://antinatoportugal.wordpress.com/>
Aldermaston: Angie Zelter, Trident Ploughshares.
Reforest@gn.apc.org ou info@wri-irg.org para participação internacional
Dia de acção, Páscoa 2010: Vredesactie, hans@vredesactie.be
Acções de desobediência civil em Portugal:
Internacional dos Resistentes à Guerra:
info@wri-irg.org
Plataforma Anti-Guerra, Anti-Nato (PAGAN - Portugal):
PAGAN@sociofonia.org

Indymedia Portugal relançado 10 anos depois do início do Indymedia global

Um centro de informação livre e independente, que funciona para que as pessoas possam tornar-se elas mesmas meios de informação livres e independentes. O CMI Portugal pretende pôr em prática todos os mecanismos da imaginação que nos permitam, em conjunto, criar, aqui e agora, fragmentos de um mundo melhor.



A rede Indymedia nasceu no calor da revolta de Seattle, como uma dimensão fundamental do movimento global. Um movimento que ultrapassa as tricas separadoras dominantes da acção política tradicional (reformismo/revolução, local/global, violência/não violência) e inventa respostas práticas para lhes esquivar, desde os Fóruns Sociais, como forma organizativa que tenta superar o canibalismo político, até à 'desobediência civil protegida', como original prática de rua.

Seattle foi apenas a primeira face visível e a Organização Mundial de Comércio (OMC) tão só o pretexto para o que, há muito, se vinha a cozinhar, a necessidade de animar a malta, de ser suficientemente confrontacional para trazer para a arena pública a voz duma oposição global ao sistema capitalista (e não apenas à OMC) que, pelo que se lia nos jornais e se via nas TVs, não existia.

Há dez anos, no dia 30 de Novembro de 1999, centenas de milhares de pessoas em todo o mundo trouxeram para as ruas a sua insatisfação. Em Seattle, mas também no Porto, em Lisboa, em Londres, em Berlim, na Índia ou na Nova Zelândia. Gente que acreditava que era preciso desmascarar o mundo para o qual se caía e se continua a cair. Com acções mais ou menos espectaculares, a resposta à globalização tornava-se definitivamente global. Festas, flyers, cartazes, ocupações, acções de protesto ou sabotagem, manifestações, palestras, debates, tudo serve e tudo serviu para avisar as pessoas e fazer com que solidariedade fosse mais do que uma palavra com sete sílabas, um redondo vocábulo.

O CMI Portugal é, como todos os centros de media independentes, um centro de informação livre e independente, que cumpre os requisitos para fazer parte da rede IMC e concorda com os princípios de filiação à rede. Funciona para que as pessoas possam tornar-se elas mesmas meios de informação livres e independentes.

Como tal, pretendemos realizar uma acção directa informativa, deixando de confiar aos meios de comunicação corporativos a tarefa de intermediar em exclusivo os acontecimentos e a sua interpretação. Converteremo-nos assim em fonte geradora de um discurso livre da manipulação de governos e corporações, e assumimos o nosso papel como artífices e zeladores dos canais que nos permitem transmitir e difundir uma outra visão da realidade.

O CMI Portugal pretende pôr em prática todos os mecanismos da imaginação que nos permitam, em conjunto, criar, aqui e agora, fragmentos de um mundo melhor. O desafio é, portanto, grande. Mas acreditamos que um colectivo de pessoas empenhadas em construir algo em conjunto conseguirá fazê-lo, enquanto esse empenho se mantiver, ultrapassando as várias barreiras que forem surgindo. Pretende-se, portanto, com

este texto, não apenas a apresentação de uma nova forma de mostrar o que nos move, mas, acima de tudo, lançar um apelo para todos os que, como nós, acreditam que a realização voluntária, colectiva e horizontal de um meio de informação é, ao mesmo tempo, uma machadada nos paradigmas actuais e uma experiência de trabalho num mundo que se vai transformando. Um apelo para que se juntem a esse mundo, para que se povoe de gente e, portanto, de novas possibilidades de ser melhor.

Reactivamos o CMI Portugal para que tenhamos nós também uma voz alternativa aos grandes meios de comunicação deste país.

Estás preparado para escrever a tua notícia?

Ajuda-nos a construir este mundo melhor!

Antes Verde Eufémia que Amarelo Transgénico

A 17 de Agosto de 2007, cerca de 150 pessoas dirigiram-se à Herdade da Lameira, perto de Silves, para protestar activamente contra o cultivo de transgénicos, num acto simbólico que ceifou menos de um dos 51 hectares de milho transgénico da propriedade, a primeira a cultivar desse milho, no caso da variedade MON810, num Algarve oficialmente “livre de transgénicos”.

Podia-se esperar que a reacção imediata fosse a da recriminação do agricultor, criando uma pressão pública que o obrigasse a aceitar as sementes biológicas que os activistas lhe ofereciam e que chegavam para replantar a totalidade dos 51 hectares. Mas tinha-se mexido na propriedade, esse direito que, por estes dias, se sobrepõe a todos os outros.

Nomeadamente, ao direito de ser agricultor vizinho e ter uma produção de milho sem contaminação de campos OGM. Ou ao direito de, sendo consumidor, esperar que se prove a inocuidade de determinado produto antes de o lançar na cadeia alimentar. Ou, finalmente, ao direito a agir em conformidade com as ameaças que nos apresentam, de forma a que, pelo menos, seja possível trazer debates importantes para fora do parlamento e de minúsculos artigos de opinião.

Porque não foi mais do que isso que o Movimento Verde Eufémia fez. Servindo-se duma acção simbólica carregada de espectacularidade, conseguiu furar o academismo da discussão a que se assistia até então e trazer a questão dos organismos geneticamente modificados para a praça pública. Ao fazê-lo, teve ainda o mérito de arrastar consigo a necessária discussão sobre a legitimidade da desobediência cívica como forma de participação.

Neste momento, três pessoas foram constituídas arguidas e o proprietário já abriu as hostilidades e faz uma enorme pressão para que a pena seja exemplar. Deixar estas pessoas sem apoio é abrir a porta tanto aos transgénicos como à possibilidade de mais ninguém ter a coragem para fazer algo semelhante ao que o Movimento Verde Eufémia fez.

Toda a solidariedade é importante. Seja, unicamente, na divulgação da perseguição aos movimentos contestatários, seja no apoio financeiro aos arguidos para suportarem as despesas judiciais do processo em que foram envolvidos.

Para mais informação:

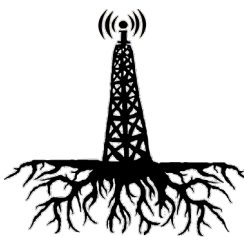
<http://solimove.liveinfo.nl> | <http://eufemia.ecobytes.net>

Conta para donativos para apoio judicial

NIB 0007 0000 00609478355 23 (BES)

IBAN PT50 0007 0000 0060 9478 3552 3 | SWIFT BIC BESCPTPL

10 Anos de Seattle



Faz agora dez anos que, a 30 de Novembro de 1999, reuniu em Seattle, nos Estados Unidos, a Organização Mundial do Comércio (OMC) para, decidindo sobre a regulação das transacções económicas no globo, definir o destino da sua economia.

Como habitualmente, a OMC, contando com o beneplácito dos grandes meios de informação, propunha-se fazê-lo com base em soluções concertadas a partir dos interesses das grandes potências e dos grupos económicos internacionais que aquelas servem ou protegem, reforçando ainda mais o poderio do capitalismo global, na sua fase moderna, ultraliberal, mas com o precioso concurso da economia planificada.

Reagindo a esta cimeira, várias dezenas de milhares de pessoas de muitas proveniências ideológicas e geográficas acorreram a Seattle, e durante vários dias fizeram saber nas ruas que o alegado consenso com que os poderosos justificam a rapina sobre os mais pobres e a depauperação acelerada dos recursos e do desequilíbrio do planeta não passa afinal da conjugação de políticas de interesse muito particular que, a coberto do embuste televisivo, escondem a fraude económica e o crime ambiental elevados ao mais alto expoente, permitindo de forma decisiva a miséria e a catástrofe.

E procurando tornar audíveis e compreensíveis as razões do protesto, os manifestantes juntaram à luta de rua a luta para furar o bloqueio noticioso imposto pelos grandes grupos de média – câmaras de eco da voz do poder e do dinheiro –, criando canais noticiosos alternativos e difundindo os relatos verídicos, as imagens reais, as entrevistas e comentários, não com base numa informação pré-condicionada pela censura política e policial, mas numa perspectiva de intercâmbio e entreajuda, livre de direitos autorais e de condicionamentos externos, ouvindo os intervenientes directos do protesto, com respeito pelas suas próprias palavras e argumentação ou, melhor ainda, sendo estes mesmos os próprios jornalistas.

Esta cobertura dos acontecimentos, beneficiando das possibilidades das redes de comunicação digital abertas, permitiu o acesso à informação livre de milhões de pessoas em todo o mundo e deu origem à criação da rede de centros de média independentes – indymedia – que haveria de se alargar por todo o mundo e cuja criação celebramos hoje.

O INDY-ZINE é uma publicação do colectivo CMI-Portugal. A reprodução total ou parcial das matérias aqui publicadas é permitida e recomendada, desde que seja mencionada a fonte!

Se quiseres contribuir divulgando algum acontecimento importante que não foi veiculado pela grande imprensa, envia-nos as tuas notícias. Torna-te meio de comunicação. Lê mais ou comenta, sobre estes ou outros assuntos, em:

<http://portugal.indymedia.org/>